

DIA MUNDIAL DO DOENTE

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 32749
de 11 de fevereiro de 2021, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente



Humanizar o sofrimento dos doentes e dos profissionais que cuidam deles

A pandemia confrontou o Hospital de Braga com novas exigências ao nível da humanização dos cuidados de saúde. A dignidade da vida dos doentes exige respostas que evitem chegar-se ao limite de um final num quadro de ausência de afetividade familiar. Mas a sobrecarga quase desumana que se abateu sobre quem arrisca, diariamente, a vida para salvar doentes que a Covid-19 tenta empurrar para a morte obriga a que se olhe os profissionais de saúde como grandes sofrendores de uma batalha que não raras vezes parece perdida. No meio desta luta que teima em perdurar, há ainda os que resistem em dar aos outros o que têm de melhor para aliviar o sofrimento. E persistam em celebrar o Dia Mundial do Doente que hoje se comemora e que é evocado em todas as enfermarias da unidade hospitalar bracarense, embora no limite das condicionantes que o novo coronavírus impõe.

«Que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado». É a mensagem inscrita num cartão alusivo ao Dia Mundial do Doente, que é hoje distribuído aos doentes internados no Hospital de Braga. A oferta traduz «um carinho especial» do Serviço de Voluntariado da unidade hospitalar bracarense, que fez questão de não abandonar os doentes, mesmo quando a pandemia da Covid-19 também coloca em risco a vida de quem entra diariamente no hospital com a disposição de amenizar o sofrimento dos outros.



Para a coordenadora do Serviço, Cecília Morgado, a oferta do cartão «é um ato simbólico». Mas «carregado de sentido», nota a ex-professora do Ensino Especial, que também carrega no coração um sentimento especial por quem cuida dos doentes. Para os profissionais de saúde — médicos, enfermeiros, auxiliares da ação médica e assistentes administrativos e operacionais —, a equipa de voluntários tem também um “miminho”. «Vamos oferecer uma flor, em agradecimento a todos os profissionais de saúde que tratam dos doentes». Embora mais pequenas do que as que foram oferecidas há um ano, expressam a admiração por um trabalho maior e mais exigente para que ninguém

fique para trás, num tempo dominado pelo vírus SARS-CoV-2.

Cecília Morgado, que está há seis anos na coordenação do Serviço de Voluntariado, depois de ter sido voluntária nos internamentos durante vários anos, não esconde que a pandemia tem sido particularmente exigente para todos os profissionais que trabalham no Hospital de Braga. Do lado dos profissionais de saúde, há também um forte reconhecimento do trabalho que tem sido desenvolvido pelas equipas de voluntários.

«O Serviço de Voluntariado tem sido uma grande mais-valia no processo de humanização dos cuidados de saúde que são prestados aos doentes internados

no Hospital de Braga», assume a Enfermeira-Diretora. Fátima Faria faz questão de «agradecer publicamente» essa colaboração que se mantém em tempo de pandemia, embora não possa ser extensível aos doentes internados com Covid-19. «Tem sido uma grande ajuda para todos os profissionais e o trabalho que desenvolve é fundamental para que os doentes não Covid passem melhor o

tempo de internamento», destaca, notando que da parte do Conselho de Administração a que pertence «houve a preocupação» de investir na «numa maior formação de todos os voluntários», para que a sua ação seja o mais ajustada possível aos tempos mais complexos que a saúde atravessa.

Embora sem a azáfama que marcava o período pré-pandemia, as equipas de voluntários continuam a desempenhar um papel de relevo na humanização da prestação de cuidados aos doentes. São fundamentais na ligação às famílias dos internados e são eles que ocupam de forma positiva boa parte do tempo de quem está hospitalizado, contribuindo para que «não fiquem a magiar em coisas menos boas», refere Cecília Morgado. É também através dos voluntários que as roupas lavadas que os familiares levam chegam aos doentes, sendo ainda eles que devol-



«Que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado». É a mensagem inscrita num cartão alusivo ao Dia Mundial do Doente, que é hoje distribuído aos doentes internados no Hospital de Braga. A oferta traduz «um carinho especial» do Serviço de Voluntariado da unidade hospitalar bracarense, que fez questão de não abandonar os doentes, mesmo quando a pandemia da Covid-19 também coloca em risco a vida de quem entra diariamente no hospital com a disposição de amenizar o sofrimento dos outros.

vem às famílias as roupas que precisam de ser lavadas. Pelo meio ainda há tempo para serem o elo de ligação em muitas das vídeo-chamadas que ligam os doentes às famílias e que são «fundamentais» quer na humanização do internamento, quer «no processo de recuperação da doença», sublinha a Enfermeira-Diretora Fátima Faria.



O desafio de chamar os familiares para os últimos momentos da vida



Formados para serem o último suporte da vida humana quando a doença parece incurável, os profissionais do Hospital de Braga são também chamados a dar uma resposta humanista a situações limite. Fazer uma vídeo-chamada para os familiares é, por vezes, o último conforto de um ponto sem retorno. «São momentos inevitáveis da vida de quem trabalha neste hospital. E tornaram-se mais frequentes no último ano de pandemia», refere a Enfermeira-Diretora Fátima Faria. À frente de uma equipa de enfermagem que não poupa esforços para que a vida vença cada dia de batalha que é travada nas enfermeiras e nas unidades de cuidados intensivos, a responsável sublinha que «a humanização dos cuidados de saúde torna-se ainda mais imperiosa em tempos de pandemia».

Habituada a colocar o humanismo em saúde na primeira linha das prioridades do combate à doença, a especialista é perentória. «A humanização dos cuidados de saúde é feita de pequenas coisas que fazem a diferença no dia-a-dia dos hospitais. E a primeira coisa [para a humanização dos cuidados de saúde] é colocar os doentes em contacto com a

família», salienta. O Hospital de Braga faz dessa certeza uma prática quotidiana. «Fazemos telefonemas diários para o



Cada doente é um caso. Por isso temos equipas médicas multidisciplinares que avaliam se deve ou não haver visitas, mesmo em pessoas com Covid-19. E os resultados têm sido espetaculares na evolução do quadro clínico dos doentes.

familiar de referência do doente», destaca a Enfermeira-Diretora, convicta de que a passagem dessa informação diária sobre a evolução clínica «é uma das vias mais relevantes para humanizar os cuidados de saúde».

«Outra medida adotada pelo Hospital de Braga foi o recurso à vídeo-chamada. Foi implementada por causa da pandemia e tem-se revelado uma mais-valia efetiva

no tratamento dos doentes», garante. Por isso, o hospital e os próprios profissionais disponibilizam equipamentos a quem não tem aparelhos que permitam a chamada com voz e imagem. Fátima Faria não esconde que, por vezes, a decisão mais humanista é proporcionar a última ligação do doente aos seus familiares, para que a morte ocorra da forma mais serena. É uma decisão dura e que quase sempre tem um impacto profundo nos profissionais de saúde, que nunca foram confrontados com tantas mortes hospitalares como nos dias que correm.

O sentimento de incapacidade de médicos e enfermeiros perante o crescente número de mortes não deixa de ser motivo de séria preocupação. «Há aqui uma vertente humanista que não se pode esquecer: temos consciência de que a morte é uma presença constante num hospital. Mas, na situação atual, o excesso de mortalidade pode ter um impacto psicológico severo nos profissionais de saúde. Daí a necessidade de definição de estratégias para superar esses sentimentos nos profissionais do Hospital de Braga, que dispõem de acompanhamento psicológico», comenta Fátima Faria.

Medo levou familiares a forçar a desistência dos voluntários



Antes da entrada da pandemia no Hospital de Braga, o Serviço de Voluntariado tinha uma equipa alargada de 100 elementos. Quase três dezenas eram jovens universitários. Com o novo coronavírus chegou a obrigatoriedade de um confinamento geral e o muito do trabalho diário dos voluntários foi, obrigatoriamente, interrompido. A paragem forçada foi iniciada em março e decorreu até ao final de outubro de 2020, altura em que o Conselho de Administração abriu a possibilidade da retoma dos serviços que estavam a ser prestados aos doentes internados e e aos respetivos familiares.

«Retomamos as atividades do Serviço de Voluntariado com 20 pessoas, após uma ação de formação sobre como proceder em tempo de pandemia. Atualmente, estamos a fazer voluntariado apenas 10 pessoas», afirma a coordenadora Cecília Morgado. A descida do número de voluntários foi, essencialmente, motivada pelo «medo» dos familiares de quem fazia voluntariado. «A maior parte tem mais de 60 anos e os familiares quase os impediram de entrar dentro do hospital», sublinha. Inicialmente, «vários» ainda tentaram contornar as pressões da família. Mas o regresso de um novo confinamento, em janeiro de 2021, associado ao fecho das escolas, ditou a desistência de metade. «Também tiveram que passar a cuidar dos netos», atalha Cecília Morgado, dando conta que, por norma, as pessoas têm uma ideia errada do risco de contrair Covid-19 em ambiente hospitalar. «As pessoas de fora têm uma visão [de medo] do hospital. Quem está cá dentro sabe que a realidade é bem diferente e que a segurança é alta, se cumprirmos as regras».

Mesmo em tempo de pandemia, o Serviço de Voluntariado mantém as portas abertas à generosidade de quem quer ajudar os mais fragilizados. Embora não havendo, neste momento, recrutamento, «as pessoas podem continuar a inscrever-se, preenchendo uma ficha própria». É feita depois uma breve entrevista e, caso seja aceite, o novo voluntário passa por um período de experiência, em que é sempre acompanhado por um membro sénior.

Mesmo em tempo de pandemia, o Serviço de Voluntariado mantém as portas abertas à generosidade de quem quer ajudar os mais fragilizados.